

A REPRESENTAÇÃO DO MEIO GEOGRÁFICO EM *OS SERTÕES*

João Carlos de Mattos Freitas¹
Maicon Gilvan Lima Campos²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a forma como Euclides da Cunha (1866-1909) representa o meio geográfico do povo sertanejo. Para tanto, utilizamos como objeto de análise a obra “Os Sertões”, mais especificamente a primeira parte denominada “A Terra”. Nesta parte da obra, Euclides cria uma “categoria geográfica” para representar o ambiente que deu origem ao povo sertanejo e a sua conexão com os aspectos morfo-climáticos das caatingas. Esta categoria é construída através da apropriação do conceito de “Base Geográfica da História” elaborado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), na qual Euclides subverte a lógica geográfica eurocêntrica para reivindicar a origem de um povo forte.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha. Os Sertões. categoria geográfica.

ABSTRACT: This article aims to present an analysis of the way in which Euclides da Cunha (1866-1909) represents the geographic environment of the sertanejo people. To this end, we used as an object of analysis the work “Os Sertões”, more specifically the first part called “A Terra”. In this part of the work, Euclides creates a “geographical category” to represent the environment that gave rise to the sertanejo people and their connection with the morphoclimatic aspects of the caatingas. This category is constructed through the appropriation of the concept of “Geographical Basis of History” developed by Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), in which Euclides subverts eurocentric geographic logic to claim the origin of a strong people.

KEYWORDS: Euclides da Cunha. The Sertões. geographical category.

INTRODUÇÃO

Os Sertões (1902) está entre as obras mais importantes da literatura brasileira devido ao seu pioneirismo tanto pela autenticidade em termos de estilo literário – rebuscado e de difícil classificação – quanto pela relevância dos temas abordados. O conteúdo e a narrativa criada por Euclides da Cunha (1866-1909) em sua obra foi capaz

¹ Licenciado em Geografia pela UERJ/FFP. Mestre em Geografia pela UFRRJ. Atua como Professor de Geografia na rede estadual em Teresópolis-RJ e na rede municipal de Magé-RJ.
E-mail: joaocarlosdem@yahoo.com.br.

² Licenciado e Mestre em Geografia pela UERJ/FFP. Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UERJ/IFCH. Atua como Professor de Geografia nas redes estadual e municipal em Cabo Frio-RJ.
E-mail: maiconglcampos@gmail.com

de causar grande impacto na sociedade brasileira ao apresentar uma parte do Brasil até então desconhecida para parte considerável da população que viviam nos grandes centros urbanos do país, o interior da Bahia, criando assim uma representação hegemônica dessa realidade ignorada até então pelo Estado Brasileiro.

Em *Os Sertões*, Euclides apresenta suas impressões e reflexões acerca da Guerra de Canudos, conflito ocorrido no interior da Bahia entre outubro de 1896 e outubro de 1897. Tendo sido fundada no ano de 1893 por Antônio Conselheiros e seus seguidores, o Arraial de Belo Monte foi a concretização da utopia de um andarilho messiânico que conseguiu arrebanhar um grande número de sertanejos dispostos a segui-lo. Durante três anos o aldeamento conseguiu desenvolver um prospero estilo de vida, baseado na agricultura de subsistência e na produção de derivados de cabras, além de um código de conduta rígido, atraindo milhares de indivíduos seduzidos pelas palavras de Conselheiro a morarem na comunidade, chegando a cerca de 25 a 30 mil habitantes em seu ápice (COSTA, 1990 p. 17). A autonomia e influência político-econômica de Canudos incomodou tanto a elite local quanto os líderes religiosos e o próprio Estado Brasileiro, que enxergava a vila e seu líder uma afronta ao estado republicano recém instaurados no Brasil (1889), culminando no início do conflito entre o exército brasileiro e os conselheiristas.

Atuando como correspondente do jornal *Estado de São Paulo*, Euclides vai até Canudos acompanhando a quarta e última expedição do exército ao local, acumulando informações empíricas sobre o conflito e do palco onde ele ocorreu, se somando aos seus conhecimentos científicos e dando assim os alicerces que balizaram a produção de *Os Sertões*. Cabe destacar que Euclides possuía fluidez em diversos ramos do saber, fruto de sua formação como engenheiro militar, baseada “[...] no modelo francês, que privilegiava a formação enciclopédica dos engenheiros” (MAIA, 2008, p. 93). Outro fator são as relevantes contribuições advindas do seu ciclo de amizade, tais como as de Teodoro Sampaio (1855-1937) – engenheiro que havia feito estudos empíricos no sertão nordestino antes de Euclides – e de seu grupo de amigos em São José do Vale do Rio Pardo, cidade onde escreveu boa parte de *Os Sertões* (ATHAYDE, 1989, p.31-43).

A base científica de *Os Sertões* se manifesta de imediato com a organização do livro, inspirado no esquema tríptico³ desenvolvido por Hippolyte Taine (1828-1893). Assim Euclides divide sua abordagem em três partes: “A Terra”, em que faz uma descrição do quadro natural do sertão baiano; “O Homem”, promovendo uma abordagem antropológica do povo sertanejo e do Antônio Conselheiro; “A Luta”, apresentando sua narrativa acerca do conflito. Ao decorrer do livro ciência e literatura se misturam de forma heterogênea com o intuito de favorecer sua narrativa acerca do sertão, do homem sertanejo, do perfil de Antônio Conselheiro e dos acontecimentos da Guerra de Canudos.

³ Taine organiza seu método de investigação em três etapas: meio, raça e momento, numa lógica em que o meio determina as características dos povos para que estes protagonizem os eventos históricos (Murari, 2007, p. 19-20).

Assim, “De secas e enchentes. De montanhas e correntes. De botânica e geografia. De engenheiro e mineralogia. De geologia e cosmovisão. De história e poesia” (DANTAS, 1967 *apud* Cunha, 2003, p.19), Euclides elabora um texto que se tornou uma das principais referências para a comunidade científica brasileira no que tange o ambiente sertanejo, o homem que lá vive e a Guerra de Canudos.

Entre as áreas do conhecimento trabalhadas por Euclides em *Os Sertões*, podemos destacar a Geografia, uma vez que ela cumpre um importante papel na construção da representação do cenário onde os acontecimentos do conflito se passa. Para isso Euclides aborda diversos temas que fazem parte da abordagem geográfica, tais como estudos geológicos, climatológicos, geomorfológicos, fitogeográficos, assim como a relação entre o homem e o meio onde ele habita, apresentados ao longo de todo o texto, mas em especial na primeira parte do livro, “A Terra”. Sua Geografia possui raízes na própria gênese dessa ciência, uma vez que Euclides está inserido no mesmo contexto em que ela ganha seus contornos modernos.

As bases de sistematização da Geografia moderna foram geradas, principalmente, no plano epistemológico por Immanuel Kant (1724-1804), e no plano metodológico por Johann Rheinhold Forster (1729-1798). Estas bases foram desenvolvidas e aperfeiçoadas por Alexandre von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779- 1859) posteriormente. Estes últimos pensadores são considerados os fundadores da Geografia Moderna (TATHAM, 1959; Moreira, 2011). Conforme Antônio Carlos Robert Moraes (2002):

Na literatura da história do pensamento geográfico é quase unânime o estabelecimento do marco inicial da Geografia moderna na publicação das obras de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter. Não há controvérsias em colocá-los como os pioneiros do processo de sistematização dessa disciplina: a discordância, quando aparece, diz respeito à ênfase dada a um desses autores em detrimento de outro. Humboldt e Ritter são, sem dúvida, os pensadores que dão o impulso inicial à sistematização geográfica, são eles que fornecem os primeiros delineamentos claros do domínio dessa disciplina em sua acepção moderna (MORAES, 2002, p.15).

Os pensamentos de Humboldt e Ritter influenciaram de forma direta e indireta a obra “Os Sertões”. Em relação a Humboldt, Euclides cita duas vezes o pensador alemão na parte “A Terra”, nos subitens “As caatingas”⁴ e “Uma categoria geográfica que Hegel não citou”⁵. Neste último, é possível perceber também, de forma indireta, uma relação com o pensamento de Ritter. Isto se dá a partir da apropriação do conceito de “Base Geográfica da história” elaborado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) em

4 (CUNHA, 2002, p.69).

5 (CUNHA, 2002, p.84).

*Lições sobre a Filosofia da História Universal*⁶, mais especificamente no capítulo “Fundamento Geográfico da História Universal”, cuja relação com a obra *Geografia Comparada*⁷ de Ritter é reconhecida por diferentes pensadores⁸.

Massimo Quaini (1979), por exemplo, afirma que Hegel extraiu da *Geografia Comparada* de Ritter tanto a maior parte do material de informação, quanto se apropriou dos princípios interpretativos que estruturam o conceito de “Base Geográfica da História”, que são: a) a terra como o “teatro” do desenvolvimento histórico da humanidade; b) consideração dos continentes enquanto “indivíduos geográficos”; c) a relação entre as formas sólidas e as formas fluidas, isto é, entre os continentes e o mar; d) a importância histórico-geográfica entre ocidente e oriente; e) a correlação inversa entre grau de dependência da natureza e grau de civilização; e a f) correspondência entre estrutura física do ambiente e “espírito do povo”. Todos estes princípios interpretativos integram o núcleo da “geografia histórica” ou “história geográfica” de Hegel, isto é, a dialética como método de determinação das correlações entre estruturas geográficas e os modos de vida dos povos (QUAINI, 1979, p.29-30).

Neste contexto, buscaremos apresentar como em “A Terra” existem conexões com o conhecimento produzido e disseminado pelos pensadores clássicos da Geografia moderna. Através da representação do meio geográfico do sertão baiano, será possível perceber, de certa forma, como Euclides se apropriou de alguns dos princípios interpretativos elencados acima. Para tanto, dividimos o artigo em duas partes. A primeira parte apresenta a forma como Euclides representa o meio geográfico do sertão baiano em “A Terra” a partir da análise dos aspectos geológicos, geomorfológicos, climatológicos e ecológicos. Enquanto que a segunda parte analisa a construção da “categoria geográfica” para representar o sertão baiano por Euclides através da comparação com sua gênese, o conceito de “Base Geográfica da história” de Hegel.

A REPRESENTAÇÃO DO MEIO GEOGRÁFICO DO SERTÃO BAIANO EM “A TERRA”

Em “A Terra”, Euclides apresenta o resultando do tempo dedicado às pesquisas para a construção dos argumentos científicos que fundamentaram sua perspectiva acerca dos aspectos físicos que caracterizam o sertão nordestino. Tais estudos impressionam pela

6 Esta obra foi organizada através da compilação de notas de Hegel e alunos sobre cursos ministrados na Universidade de Berlim nos anos de 1822-1823 e 1830-1831, publicada pela primeira vez em 1837, seis anos após o falecimento de Hegel. Na tradução brasileira, a lição dedicada ao pensamento geográfico é denominada de “Fundamento geográfico da história universal” (Hegel, 2008, p.73-91).

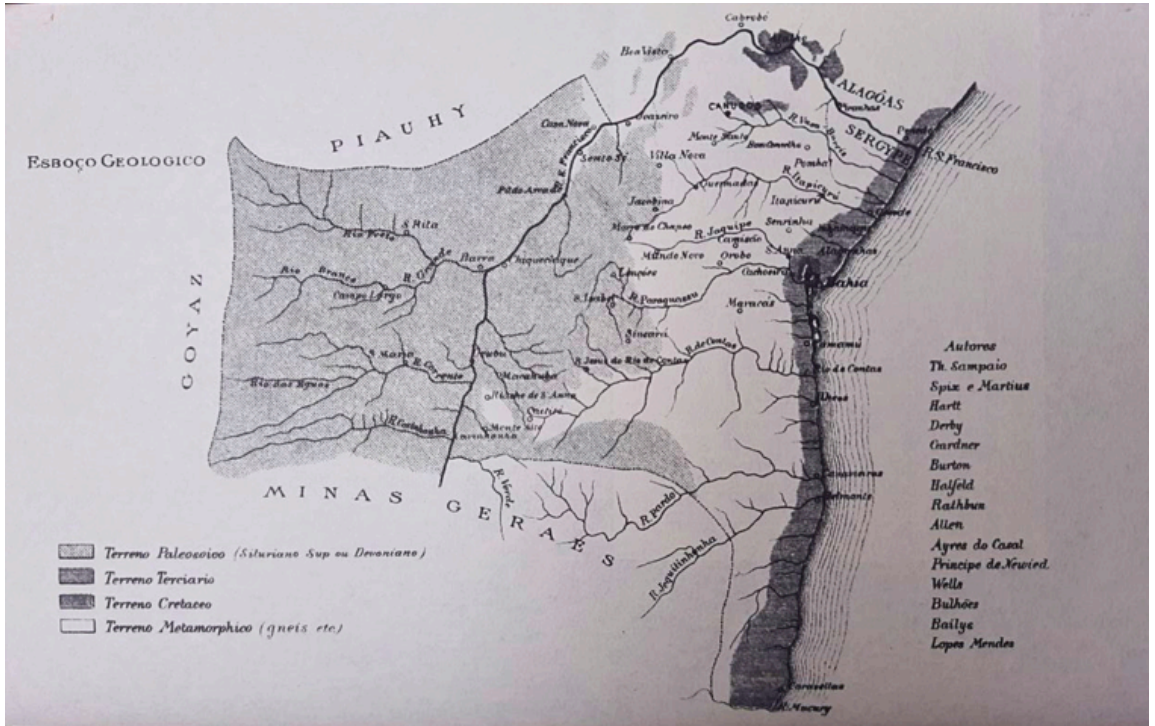
7 Título original: *Die Erdkunde im Verhältnis zur Natur und Geschichte des Menschen oder allgemeine, vergleichende Geographie* (A ciência da terra em relação com a natureza e a história do homem ou *Geografia universal e comparada*) Cf. (Grau, 1993).

8 Ver, por exemplo, (MORAES, 2002) e (CAPEL, 2008).

qualidade do conhecimento organizado sobre a geologia, o relevo, as dinâmicas climáticas e a vegetação sertaneja, sendo esses até hoje referência no que tange os aspectos naturais da região.

A sua análise dos aspectos geológicos do Estado da Bahia é uma prova da seriedade com que levou a produção desse livro. Cabe destacar que a Geologia enquanto ciência sempre esteve próxima da Geografia, a exemplo do desenvolvimento da Geomorfologia, que surge como uma versão geográfica dos estudos geológicos da Terra (GOMES, 1997).

Figura 1- Esboço Geológico do Estado da Bahia



Fonte: (CUNHA, 2016, p.16).

Conforme o mapa a seguir (Figura 1), Euclides divide o Estado em quatro grupos de acordo com sua formação geológica, separando-os em: Terreno Paleozóico, Terreno Terciário, Terreno Cretáceo e Terreno Metamórfico. Em uma das cartas enviadas ao jornal Estado de São Paulo durante seu trabalho como correspondente do conflito de Canudos, Euclides especula acerca da formação geológica da região onde se encontra Canudos: “É uma das partes mais modernas talvez do nosso continente e surgiu das águas provavelmente depois da lenta ascensão da Cordilheira dos Andes, como um fenômeno complementar” (CUNHA, 2003, p. 86). Essa passagem corrobora com a compreensão defendida pelos geólogos e geofísicos atuais, pois apesar de a região citada por Euclides

pertence às áreas cratônicas, composta por terrenos antigos datados da Era Pré-Cambriana entre 2 a 4,5 bilhões de anos (ROSS, 1998, p. 48), a região de Canudos em especial data do final do período Terciário, por volta de 70 milhões de anos atrás.

Todos os morrotes do tipo *inselberg* ou agrupamento deles, como é o caso de Quixadá, foram relevos residuais que resistiram aos velhos processos denudacionais, responsáveis pelas superfícies aplanadas dos sertões, ao fim do Terciário e início do Quaternário: superfícies sertaneja velha e sertaneja moderna. Enquanto no Sudeste do Brasil ocorrem “pães de açúcar”, no entremeio dos mares de morros florestados ou em maciços costeiros (Serra da Carioca) e setores da Serra do Mar (Pancas), no interior do Nordeste seco, acontecem morrotes ilhados no dorso das colinas revestidas por caatingas (AB’SABER, 2019, p. 88).

Em seguida, para a análise do relevo baiano, Euclides compara-o a outras regiões caracterizadas pelo clima árido. Nela ele indica um fator que o diferencia das outras áreas desérticas, que ocorre devido a um “[...] flagrante antagonismo com as disposições geográficas: sobre uma escarpa, onde nada recorda as depressões sem escoamento dos desertos clássicos” (CUNHA, 2002, p. 50). Tal diferença se deve em particular a presença dos rios intermitentes existentes no sertão nordestino que caracterizam o clima semiárido, que será descrito mais à frente. Defende então que o principal agente da seca nesse meio se deve ao perfil topográfico que impede o fluxo de massas de ar úmidas advindas do Oceano Atlântico.

De fato, a disposição orográfica dos sertões, à parte ligeiras variantes — cordas de serras que se alinham para nordeste paralelamente à monção reinante —, facilita a travessia desta. Canaliza-a. Não a contrabate num antagonismo de encostas, abarrecendo-a, alteando-a, provocando-lhe resfriamento e a condensação em chuvas. Um dos motivos das secas repousa, assim, na disposição topográfica (CUNHA, 2016, p. 46).

Segundo a sua descrição, a Chapada da Borborema e a Chapada do Araripe — localizadas respectivamente a nordeste e norte do sertão baiano — formam uma barreira orográfica que impedem a chegada das massas de ar empurradas para o continente pelos ventos alísios naquela região, criando as condições necessárias para a caracterização do microclima que cerca Canudos. Contudo, essa dinâmica se altera ao longo do ano, pois “[...] o SE no inverno e o NE no estio [alteram-se] com rigorismo raro” (CUNHA, 2002, p. 59). Assim, a ocorrência de chuvas no sertão está associada principalmente às massas de ar vindas do sul e sudeste do Brasil, uma vez que elas não encontram as mesmas barreiras

orográficas que bloqueiam as massas vindas da direção norte e leste. Esse regime de ventos somados ao relevo e demais fatores naturais criam uma paisagem repleta de oscilações, como afirma Euclides ao descrever as impressões de um viajante:

Para qualquer das bandas, deixa-o o viajante num dia de viagem. Se vai para o norte, salteiam-se transições fortíssimas: a temperatura aumenta; carrega-se azul dos céus; embaciam-se os ares; e as ventanias rolam desorientadamente de todos os quadrantes – ante a tiragem intensa dos terrenos desabrigados que dali por diante se estiram (CUNHA, 2002, p. 59).

Outro fator importante para a dinâmica morfoclimática sertaneja se refere ao processo de lixiviação provocado pelas chuvas torrenciais nos períodos de alta pluviosidade. Segundo Euclides, o solo pedregoso e compactado dificulta a infiltração da água, e as fortes precipitações agravam essa situação, provocando um grande escoamento superficial que movimentam grandes massas residuais, tornando o relevo irregular e impermeável.

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bâtegas de chuva tombam grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano... (CUNHA, 2002, p. 78).

Após tratar da questão climatológica sobre o sertão, Euclides passa para uma abordagem descritiva da flora sertaneja, apresentando suas transformações de acordo com o período chuvoso e seco. Enquanto no estio ela é formada por uma vegetação de galhos secos e espécies de cactáceas que oferecem pouca variedade paisagística, ao chegar da estação chuvosa, a flora se transforma drasticamente, com o desabrochar de folhas e flores que antes pareciam mortas, tornando a paisagem da caatinga em uma mata vultosa e diversificada. “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurgem triunfalmente a flora tropical. É uma mutação apoteótica” (CUNHA, 2016, p. 56).

A distribuição da flora do Estado da Bahia é caracterizada pela sua descontinuidade, onde a caatinga aparece em pequenas manchas localizadas entre matas de cerrados e campos, como pode ser percebido no mapa apresentado por Euclides em *Os Sertões* (figura 2). Em sua concepção a caatinga seria uma variação do bioma do cerrado em que os fatores climáticos característicos do semiárido agem de forma mais intensa, provocando uma seleção de espécies vegetal e animal capazes de suportá-los. “Transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados, pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência” (CUNHA, 2002, p. 70).

Não estão no quadro das plantas sociais brasileiras, de Humboldt, e é possível que as primeiras vicejem, noutros climas, isoladas. Ali se associam. E, estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas, retêm as terras que se desagregam, e formam, ao cabo, num longo esforço, o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo — porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa... (CUNHA, 2002 p. 75).

Ao se aproximar do final de “A Terra”, Euclides apresenta as transformações causadas pelo período de chuvas no sertão nordestino, em que a fauna sazonal e a flora adormecida pelo estio reaparecem, tornando o sertão “um paraíso” (CUNHA, 2002, p. 82). Logo após Euclides inicia sua elaboração acerca da influência que o meio geográfico exerce na diferenciação do homem sertanejo em relação aos demais povos, que será melhor detalhado a seguir.

A CATEGORIA GEOGRÁFICA DO SERTÃO BAIANO

Os elementos que compõem a representação do meio geográfico do sertão baiano desenvolvidos ao longo dos primeiros quatro capítulos da parte “A Terra” são agrupados no subitem introdutório do quinto e último capítulo denominado “Uma categoria geográfica que Hegel não citou”, como afirma Euclides logo em sua primeira linha: “Resumamos, enfeixemos essas linhas esparsas” (Cunha, 2002, p 84-88). É neste momento da obra que o autor cria uma categoria geográfica específica, a partir da apropriação do conceito de “Base Geográfica da História” elaborado por Hegel, para representar o ambiente que deu origem ao povo sertanejo e a sua conexão com os aspectos morfoclimáticos das caatingas. Antes de analisar propriamente a categoria geográfica criada por Euclides, é preciso ir a sua gênese e entender a forma como Hegel define o conceito de “Base Geográfica História” dentro de sua concepção filosófica.

A concepção filosófica da história de Hegel está em estreita conexão com seu conceito de espírito⁹. A espiritualidade é o fundamento da história. A história é entendida enquanto o modo de ser essencial do espírito, pensada enquanto expressão da espiritualidade. De maneira geral, o conceito de espírito se refere ao processo de desalienação da natureza pelo homem, como um movimento de libertar-se da natureza. Para Hegel, no primeiro momento de análise do contexto natural que contribui para a produção da história, este contexto aparece como um elemento extrínseco, casual e aleatório, dada à universalidade

⁹ O idealismo especulativo de Hegel compreende o conceito de espírito (*geist*) como pensamento que se torna absoluto na medida em que se adequa a materialidade e no momento em que há uma construção da consciência coletiva através da superação das faltas, a ideia de autossuficiência. O estágio final deste processo é denominado de espírito absoluto (*absoluten geist*), que se manifesta a partir de três formas principais: (a) filosofia, (b) religião e (c) arte. Estas três manifestações do espírito absoluto representam a superação completa do estado de alienação da natureza (GONÇALVES, 1998; HEGEL, 2001).

do todo ético que é atribuído ao conceito de espírito. Entretanto, quando o contexto natural é considerado como *Boden* (“solo” / “chão”) no qual o espírito atua, ele é um fenômeno necessário e essencial, pois se apresenta enquanto *Grundlage* (“base”) da história (HEGEL, 1970, p.105; HEGEL, 2008, p.73).

Para Hegel, a “Base Geográfica da História” não deve ser superestimada e nem subestimada. Ela deve ser considerada como princípio especial que todo o espírito de um povo histórico carrega consigo. As diferenças naturais devem ser consideradas como opções especiais que são colocadas perante o espírito, o que se relaciona de forma estrita ao tipo e caráter dos povos que são *Sohn solchen Bodens* (“filhos destes solos”). Este caráter é construído a maneira como os povos ocorrem e tomam *Stellung* (“posição”) e *Platz* (“lugar”) na marcha gradual da evolução da consciência da liberdade. Assim, a história se manifesta a partir do disciplinamento do espírito em relação às necessidades naturais em vista da liberdade e da universalidade (HEGEL, 1970, p.106; HEGEL, 2008, p.73).

De acordo com Hegel: “Na visão geral da geografia, mencionou-se também a marcha principal da história universal”. A marcha da história descrita por ele emerge da Ásia, do “leste absoluto” ou “Oriente”, e repousa na Europa, o “Ocidente”. A Europa é o “fim” da história universal que tem início na Ásia. O “berço da história” é a Ásia, onde foram desenvolvidos importantes civilizações de déspotas e de patriarcas nos vales dos grandes rios. Mas é a Europa, através da unidade entre as superfícies terrestre e aquática, que se torna “o palco” da história em que o homem se torna efetivamente livre (HEGEL, 2008, p.93-94).

A *imago mundi*¹⁰ construída por Hegel parte de uma distinção entre “Velho Mundo” e “Novo Mundo”. O segundo termo não se refere apenas ao descobrimento tardio da Oceania e da América pelos europeus. Estes continentes, segundo ele, são intrinsecamente jovens em sua constituição física e espiritual. Enquanto a Oceania “possui uma imaturidade física” devido a pouca conexão entre suas superfícies terrestre e aquática. A América estaria dividida em duas partes conectadas de forma exterior, pois a ligação da América do Norte com a América do Sul por um istmo não colaborou para um intercâmbio entre estas duas partes, estando o continente americano essencialmente separado. Por outro lado, o “Velho Mundo”, por sua vez, estaria dividido em três partes conectadas de forma essencial. Isto porque o “Velho Mundo” é interrompido pelo Mar Mediterrâneo, que funciona como elo essencial de suas três partes, conformando uma totalidade. A característica principal das três partes que constituem o “Velho Mundo” é estarem situadas em volta deste mar, de

10 De acordo com Paulo César da Costa Gomes (2003): “A geografia foi desde a Antiguidade responsável pela descrição e pela criação de uma imagem de mundo. Assim, enquanto descrição e imagem de mundo, o discurso geográfico procura, na modernidade, ser um discurso científico e moderno. Ele reproduz, assim, as características fundamentais da época e acompanha todas as suas modificações. A história da ciência geográfica pode, então, ser considerada como a história do *imago mundi* da própria modernidade (GOMES, 2003, p.28).

tal modo que dispõem de um meio fácil de comunicação, porque os rios e mares não são pensados como fatores de dispersão, mas de conexão (HEGEL, 2008, p. 74).

As três partes que constituem o “Velho Mundo” são analisadas por Hegel a partir de uma classificação em “três elementos geográficos essenciais”, são eles: “1) o planalto árido, com suas grandes estepes e planícies; 2) as regiões de vales (terras de transição), cortadas e irrigadas por grandes rios; 3) a região litorânea, em estreita ligação com o mar”. Estas são as três categorias que fundamentam o conceito de “Base Geográfica da História”, pois representam diferenciações geográficas específicas, essenciais e racionais, em contraposição a multiplicidade de circunstâncias acidentais (HEGEL, 2008, p. 80).

Neste contexto, Hegel procura considerar que a relação entre os “três elementos geográficos essenciais” apresentados são marcantes nos três continentes que configuram o “Velho Mundo”. Entretanto, em cada continente esta relação se comporta de maneira diferente: na África se sobressai o planalto, na Ásia se apresenta a oposição entre o planalto e as regiões fluviais, e na Europa é estabelecida a síntese entre os três elementos. Com essa categorização, Hegel estabelece uma correspondência hierárquica entre a estrutura física do ambiente e o “espírito do povo” de cada continente, de modo a inferiorizar os povos dos planaltos em comparação aos povos das “regiões de vales” e “região litorânea” (HEGEL, 2008, p.81-82).

É importante destacar que mesmo classificando o continente americano como pertencente ao “Novo Mundo”, nas poucas páginas que Hegel analisa a região da América do Sul, ela é representada com a categoria geográfica de Planalto e os seus povos desqualificados culturalmente. Ele ressalta que pouca informação sobre a cultura dos povos que viveram na América estava disponível no seu tempo. Pelos materiais que pode consultar, chegou à conclusão de que eram “povos bem primitivos” e que “fatalmente sucumbiram assim que o espírito se aproximasse deles”. Ele defende a ideia de que os ameríndios, de um modo geral, eram “preguiçosos”, mas que trabalhavam para os religiosos católicos, pois respeitavam sua autoridade. Ressalta que, embora tratados como tal, os nativos não seriam incapacitados, apenas “preguiçosos e fracos” (HEGEL, 2008, p.74-75).

De acordo com Hegel, toda a costa oeste da América do Sul é recortada por longas cadeias de montanhas e possui uma faixa litorânea estreita, não corroborando assim para a constituição de uma base geográfica vantajosa. Em relação a costa leste da América do Sul, Hegel explica que existem imensos rios, tais como o Orinoco e o Amazonas, mas que ambos formam grandes vales inapropriados para o desenvolvimento da agricultura, pois em sua visão “são apenas estepes” (HEGEL, 2008, p.76). Esta representação do meio geográfico da América do Sul é confirmada na própria exemplificação da categoria geográfica do Planalto, na qual Hegel inclui a região do rio Orinoco (Venezuela e Colômbia) e o Paraguai. Nesta descrição, o autor determina como característica principal da cultura destes povos a “vida patriarcal”, e como sendo constituída por “pessoas despreocupadas”

com hábitos extremos de hospitalidade e roubo, como ilustra a passagem a seguir:

Encontramos tal planalto [...] na América do Sul, os que se encontram em torno do Orinoco e no Paraguai. A característica dos habitantes desse planalto, que só é irrigado pela chuva ou pelo transbordamento de um rio (como a estepe do Orinoco), é a vida patriarcal, a divisão em famílias. O solo onde se encontram não é fértil, ou apenas temporariamente fértil; os bens dos habitantes não são constituídos pela terra, de onde extraem apenas um pequeno rendimento, mas pelos animais que perambulam com eles. Durante algum tempo, os animais encontram o seu pasto nas planícies; quando essas se esgotam, as tribos mudam-se para outras regiões. São pessoas despreocupadas, que não poupam para o inverno; é assim que, geralmente, metade do rebanho perece. Entre esses habitantes do planalto não existe uma relação jurídica, por isso demonstram comportamentos extremos de hospitalidade ou de rapinagem [...] (HEGEL, 2008, p. 80-81).

Esta visão eurocêntrica sobre o meio geográfico da América do Sul elaborada por Hegel vai ser transformada completamente por Euclides na criação da “categoria geográfica” para representar o meio geográfico do sertão baiano. No capítulo cinco de “A Terra”, Euclides busca desenvolver suas teorias acerca do elo que liga os elementos naturais característicos do sertão nordestino com o homem sertanejo. Para ele, o meio geográfico se soma à composição genética e aos fatores históricos para promover a diferenciação entre os grupos humanos, contudo ele entende as dificuldades de estabelecer o quanto cada um desses elementos determina as características diferenciadoras entre os povos – mostrando assim seu compromisso com a veracidade científica – como pode ser percebido em um trecho do primeiro capítulo da parte “O Homem”:

Conhecemos, deste modo, os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciados — e ainda, sob todas as suas formas; as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e apostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas (CUNHA, 2002, p. 101).

Euclides inicia sua apropriação das ideias desenvolvidas por Hegel apresentando sua compreensão acerca do conceito de base geográfica da história, entendo que estas reagem sobre o homem como mais um fator diferenciador dos agrupamentos humanos.

Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas: As estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas; os vales férteis, profusamente irrigados; os litorais e as ilhas (CUNHA, 2002, p. 84).

Existem algumas diferenças entre as categorias de Hegel com a forma como Euclides se apropria delas. Assim os “o planalto árido, com suas grandes estepes e planícies” de Hegel tornam-se “as estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas” para Euclides, “as regiões de vales (terras de transição), cortadas e irrigadas por grandes rios” de Hegel são resumidas por Euclides como “os vales férteis” e o “a região litorânea, em estreita ligação com o mar” se tornam “os litorais e as ilhas” na concepção de Euclides.

Em seguida Euclides inicia sua interpretação acerca das categorias hegelianas, definindo e exemplificando a primeira dessas: os planaltos e as regiões de vales, indicando “Os *llanos* da Venezuela, as savanas que alargam o vale do Mississipi, os pampas desmedidos e o próprio Atacama desatado sobre os Andes” (CUNHA, 2002, p. 84) como exemplos. Euclides argumenta que nelas existe uma forte tendência a possuírem baixas densidades demográficas e de serem regiões propícias a prática da pecuária extensiva. Essas características também são mencionadas por Hegel ao definir os planaltos (Hegel, 2008, p. 80-81).

Euclides compara esses exemplos ao sertão catiguieiro no período das secas, indagando que nesse período o sertão se enquadra na categoria de planaltos de Hegel. Para ele os desertos “Têm a força centrífuga [...]; repelem; desunem; dispersam. Não se podem ligar à humanidade pelo vínculo nupcial do sulco dos arados”. Afirma também que eles agem como um “isolador étnico como as cordilheiras e o mar” (CUNHA, 2002, p. 85), uma vez que formam barreiras geográficas que impede o contato com outros povos.

Em seguida Euclides inicia sua crítica as categorias elaboradas por Hegel, indicando que “Aos sertões do norte, porém, que à primeira vista se lhes equiparam, falta um lugar no quadro do pensador germânico” Nesse momento Euclides apresenta o principal aspecto diferenciador do sertão nordestino em relação as três categorias hegelianas, a disparidade entre os períodos de estio, “Barbaramente estéreis”, em relação os períodos chuvosos, “maravilhosamente exuberantes” (CUNHA, 2002, p. 85). Assim ele descreve o estranhamento de um viajante que desconhece a transformação do sertão durante esses dois momentos:

Ao atravessá-los no estio, crê-se que entram, de molde, naquela primeira subdivisão; ao atravessá-los no inverno, acredita-se que são parte essencial da segunda. [...]

Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior [...]
E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono (Cunha, 2002, p. 85-86).

Dentro dessa perspectiva, durante o inverno as chuvas que caíram entre dezembro e março deixam o sertão com maior índice de umidade, mudando assim as características morfoclimáticas do sertão, que passa a mostrar hidrografia e flora mais próximas das regiões de vales descrita por Hegel.

Para Euclides “A natureza não cria normalmente os desertos. Combate-os, repulsa-os” (CUNHA, 2002, p. 86). Para exemplificar essa afirmação ele utiliza uma explicação elaborada por Humboldt para justificar a formação dos desertos, como podemos ver a seguir:

[...] Expressos no tipo clássico do Saara — que é um termo genérico da região maninha dilatada do Atlântico ao Índico, entrando pelo Egito e pela Síria, assumindo todos os aspectos da enorme depressão africana ao *plateau* árabe ardentíssimo de Nedjed e avançando daí para as areias dos *bejabans*, na Pérsia — são tão ilógicos que o maior dos naturalistas lobrigou a gênese daquele na ação tumultuária de um cataclismo, uma irrupção do Atlântico, precipitando-se, águas revoltas, num irresistível remoinhar de correntes, sobre o Norte da África e desnudando-a furiosamente.

Esta explicação de Humboldt, embora se erija apenas como hipótese brilhante, tem um significado superior (CUNHA, 2002, p. 86-87).

Ao final desse subitem de A Terra, Euclides elabora sua teoria sobre a formação dos desertos, destacando o papel da ação antrópica nesse processo e em particular o das queimadas praticadas tanto pelos nativos quanto pelos colonizadores que ocuparam o sertão nordestino. Em seguida inicia-se a parte destinada a descrição antropológica do homem sertanejo, em que é exposto a influência que as teorias raciais exerciam no contexto em que Euclides escreve seu livro. Essa abordagem serve de base para traçar o perfil de Antônio Conselheiro e dos indivíduos que fizeram parte do Arraial de Belo Monte, identificando-os como uma “Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises” (CUNHA, 2002, 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho fica notória a relevância que a categoria geográfica exerce como alicerce da obra literária de Euclides da Cunha, a começar pelo título da obra, que faz menção direta ao palco aonde ocorreu a Guerra de Canudos. Outro elemento que comprova tal relevância está na própria organização do título inspirado no esquema

tríptico taineano, em que a terra ganha destaque não somente como cenário, mas também como agente influenciador das ações humanas.

Da mesma forma, as contribuições de Hegel acerca das reflexões sobre a relação entre o espírito e a natureza na formação dos diferentes povos serviu como referência para diversos campos científicos, entre eles a Geografia. Sua influência fica clara nas obras balizadoras de geógrafos clássicos – como Ritter e Humboldt – e de trabalhos contemporâneos de geógrafos e demais pensadores das ciências humanas. Esse fato demonstra a importância das especulações de Hegel para a história do pensamento geográfico, assim como para a ciência feita no decorrer dos séculos XIX e XX.

Euclides da Cunha utiliza as contribuições de Hegel sobre a relação entre o homem e o meio, propondo uma abordagem diferenciada em que elabora uma crítica fundamentalmente epistemológica. Ao se apropriar do conceito de “Base Geográfica da História”, Euclides aplica-o para à realidade do sertão catingueiro, demonstrando que este não se adequa a nenhuma das três categorias hegelianas. O sertão é apresentado então como uma quarta categoria da “Base Geográfica da História”, sendo uma síntese na dialética entre as configurações naturais do “planalto árido” no período de estiagem e das “regiões de vales” no período pluvial. Para Euclides a natureza do sertão “compraz-se em um jogo de antíteses” e é “posta, como mediadora, entre os vales nimamente férteis e as estepes mais áridas” (CUNHA, 2002, p. 86).

Nesta perspectiva, tanto Euclides quanto Hegel destacam em suas abordagens a importância dos elementos naturais na configuração dos povos existentes no mundo, mas os propósitos das suas análises se mostram antagônicos. Hegel faz uma abordagem que enaltece os povos das “regiões de vales” e da “região litorânea” em detrimento dos povos do “planalto árido”, indicando que um ambiente irrigado favorece o surgimento de civilizações mais capazes. Já Euclides cria a sua “categoria geográfica” para valorizar o sertanejo, destacando que os aspectos físicos do sertão induziram a formação de um povo extremamente forte e adaptado as dificuldades de sobrevivência.

Quando Hegel se refere aos povos que se formam no planalto árido afirma que “[...] São pessoas despreocupadas, que não poupam para o inverno; é assim que, geralmente, metade do rebanho perece” (HEGEL, 2008, p. 80). Já Euclides descreve que os vaqueiros do sertão “Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta” (CUNHA, 2002, p. 151), mostrando que apesar do ambiente hostil do sertão, o povo formado nessas localidades está longe de se enquadrar nas características que Hegel descreve sobre os povos que vivem no planalto árido.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz. **No domínio das caatingas**. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo & MARINHO, Caio. Sertão, Sertões: representando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019.

ATHAYDE, Hélio. **Atualidade de Euclides: Vida e Obra**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

CAPEL, Horácio. **Geografia, ciência e filosofia: introdução ao pensamento geográfico**. Vol.1. (org) Jorge Guerra Villalobos. Maringá. Massoni, 2008.

COSTA, Nicola S. **Canudos: ordem e progresso no sertão**. 9ª Ed. São Paulo: Moderna, 1990.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: A Campanha de Canudos**. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Os sertões: Euclides da Cunha**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016.

DANTAS, Paulo. **Antologia Euclidiana**. São Paulo: Editora Pioneira, 1967. In: CUNHA, Euclides da. Os Sertões: A Campanha de Canudos. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2003.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia fin-de-siècle: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões**. In: CORREA, CASTRO e GOMES (orgs.). Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. **A Ideia de Natureza e a Natureza da Ideia no Pensamento de Hegel**. Revista de Ciências Humanas (UGF), Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 13- 35, 1998.

GRAU, Daniel Innerarity. **A ideia de Europa em Hegel**. In: GRAU, Daniel Innerarity. Hegel y el romanticismo. Madrid. Editorial Tecnos, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Geographische Grundlage der Weltgeschichte.** In: Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte. Werke [in 20 Bänden], Band 12. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.

_____. **Cursos de Estética.** Vol. I. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo. EDUSP, 2001.

_____. **Filosofia da história.** Trad. Maria Rodrigues e Hans Haden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008. p. 223.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da Geografia moderna.** 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias.** São Paulo: Contexto: 2011.

MURARI, Luciana. **Brasil, Ficção Geográfica: Ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões.** São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007. p. 233.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

ROSS, Jurandy. **Geografia do Brasil.** São Paulo: 2ªed. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TATHAM, George. **A geografia no século dezenove.** In: Boletim geográfico (Org). Rio de Janeiro: IBGE. Nº 150, maio/junho, 1959.